



“FEMALE GENITAL CUTTING” (FGC) COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO E IDENTIDADE EM SOCIEDADES AFRICANAS¹

Gabriela Eltz Brum

Penso nestas jovens meninas como se fossem pequenos pássaros que tiveram seus frágeis corpos esmagados, cujas asas foram cortadas antes que pudessem descobrir suas próprias almas e natureza erótica. Elas foram irrevocavelmente feridas pelas tradições, que as causaram muita dor e lhes negaram a liberdade de voar, de florescer.

(Pratibha Parmar, Warrior Marks)

Apesar das tantas diferenças entre as formas Orientais e Ocidentais de abordar a vida, ciência, filosofia e arte, há ao menos uma coisa que é comum para ambas partes Orientais e Ocidentais do nosso planeta: os mecanismos de repressão da sexualidade feminina. *Female genital cutting (FGC)*, por exemplo, é uma prática provavelmente tão antiga quanto à vida em comunidade. Pode-se dizer que esta tradição tem, com certeza, de três a seis mil anos. Um papiro grego encontrado no Museu Britânico datado de 163 a.C. mostra que meninas gregas costumavam ser circuncidadas no momento em que recebiam seus dotes.²

O geógrafo grego Strabo reportou ter encontrado este costume no século vigésimo quinto a.C., em uma viagem ao Egito. Strabo descobriu que o costume era antes praticado com mulheres de castas altas, como um tipo de rito pré-nupcial obrigatório.³ Herodotus, o famoso historiador, reporta instâncias de FGC no antigo Egito no século quinto a.C. Ele afirma que o costume originou-se tanto na Etiópia quanto no Egito, já que etíopes, fenícios e hititas costumavam realizá-lo. Acredita-se que no antigo Egito mulheres não podiam casar, entrar na mesquita ou herdar propriedade a menos que estivessem circuncidadas.⁴ De suas prováveis origens, o costume de FGC parece ter se propagado nas tribos da costa do Mar Vermelho pelos comerciantes árabes vindos do Egito, e dali até o leste do Sudão.⁵ Para algumas culturas, FGC era uma marca de distinção e, para outras, um símbolo de escravidão e subjugação.⁶ Há também uma crença faraônica egípcia sobre

1 Este ensaio é uma parte traduzida e adaptada do capítulo Female Genital Cutting (FGC), de minha dissertação de mestrado em Letras- Inglês e Literatura Correspondente, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) intitulada “Sexual Blinding of women”: Alice Walker’s African character Tashi and the issue of Female Genital Cutting (2005)

2 LIGHTFOOT-KLEIN, Hanny. Prisoners of Ritual: an odyssey into female genital circumcision in Africa. New York / London: Harrington Park Press.1989,p.27.

3(HOSKEN, 1982 apud LIGHTFOOT-KLEIN,1989,p.27)

4 (GIORGIS, 1981 apud LIGHTFOOT-KLEIN, 1989, p.29)

5 (MODAWI,1974 apud LIGHTFOOT-KLEIN, 1989, p.28)

6 KLEIN, op.cit., p.27-28.



um aspecto bissexual na alma de cada pessoa. Como resposta, para definir seu gênero, mulheres e homens precisam ser circuncidados:

[...] a “alma” feminina do macho, com o propósito de ser mantida, está localizada no prepúcio, enquanto que a “alma” masculina da mulher está situada no clitóris. Isto significa que quando um menino cresce e é finalmente admitido na sociedade masculina, ele tem que perder suas propriedades femininas. Isto é conseguido pela retirada do prepúcio, a porção feminina do seu estado sexual original. O mesmo é verdadeiro com a menina, que ao entrar na sociedade feminina tem suas propriedades masculinas retiradas através da extirpação do clitóris ou do clitóris e lábios. Só então circuncidada pode uma menina reivindicar ser completamente uma mulher e então capaz de vida sexual.⁷

Embora na afirmação acima FGC seja igualada à circuncisão masculina, deve-se observar que FGC envolve danos muito mais extensos aos órgãos sexuais femininos e tem, com maior frequência que a circuncisão masculina, efeitos prejudiciais para a saúde física e psicológica das mulheres submetidas. Ellen Gruenbaum, feminista e antropóloga americana, explica a conexão entre o clitóris e as partes similares masculinas:

O clitóris e os lábios, em contextos culturais onde são consideradas “partes masculinas”, são vistos como algo que deve ser removido, para que não produzam ambigüidade de gênero. Inhorn e Buss (1993) mencionam a idéia encontrada entre algumas pessoas no Egito de que um clitóris não cortado eventualmente se alongará formando um falo masculino. Ter tais partes masculinas entrando em contato com o bebê ao nascer acredita-se causar dano à criança, uma idéia que não seria única do Egito.⁸

A idéia do clitóris como sendo um órgão perigoso é também encontrada na Nigéria, onde há a crença generalizada de que se trata de um órgão agressivo e que, se a cabeça de um bebê tocar o clitóris durante o parto, o bebê pode morrer ou desenvolver uma cabeça hidrocefálica.⁹ Além disso, em algumas áreas da Etiópia e do Sudão, as pessoas acreditam que se o clitóris não é retirado, ele balançará entre as pernas como o pênis de um homem.¹⁰ Em Burkina Faso há a crença de que o clitóris tem o poder de tornar os homens impotentes.¹¹

De acordo com a pesquisadora Hanny Lightfoot-Klein, chamar um homem de “filho de uma mulher não-circuncidada”, no Sudão, é insultá-lo da forma mais infame. “Historicamente, mulheres não-circuncidadas no Sudão eram, geralmente, escravas e o epíteto implica ilegitimidade e uma origem não-árabe”.¹² Portanto, algumas culturas acreditam que a forma mais grave de FGC, a infibulação, representa um grupo étnico de maior status.

As informações acima demonstram claramente que a prática de FGC não é uma prática iniciada com o advento do Islã. Porém, devido à preocupação obsessiva com virgindade e castidade,

7(SHAALAN, 1982 apud LIGHTFOOT-KLEIN, 1989, p.29)

8 GRUENBAUM, Ellen. The Female Circumcision controversy: an anthropological perspective. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, p.68.

9 (Oduntan and Onadeko,1984 apud LIGHTFOOT-KLEIN,1989, p.39)

10 KLEIN, op. cit.,p.39.

11 (HOSKEN, 1982 apud LIGHTFOOT-KLEIN, 1989, p.39)

12 KLEIN, op.cit.,p.69.



características das sociedades islâmicas, o costume de FGC adaptou-se perfeitamente às demandas desta religião. As religiões que aderiram à prática incluem muçulmanos, cristãos e judeus, bem como seguidores de religiões tradicionais africanas. Embora para alguns grupos religiosos FGC marque um rito de passagem, para outros, é uma condição necessária para que as mulheres se livrem de partes sujas do corpo, já que “a operação na linguagem comum do povo é de fato chamada de operação de limpeza ou de purificação”.¹³ Dentre outras razões, está a remoção de partes masculinas do corpo de uma mulher para que esta se torne uma mulher “de verdade” e também se encontra a razão estética, pois se crê que a vulva intacta de uma mulher é feia, enquanto a circuncidada é considerada agradável esteticamente.

Para a grande maioria das culturas que preservam a prática de FGC, a principal razão subjacente é relacionada à moralidade, uma vez que se acredita que a FGC mantém a virgindade de uma menina e, portanto, garante o casamento para ela. Outra razão pode ser o fato de que a poligamia é ainda muito difundida em muitas culturas onde a FGC é praticada. Portanto, como a mulher não pode ter sexo tão frequentemente quanto o seu marido, a FGC é realizada como uma forma de diminuir o desejo sexual da mulher.

A prática de FGC é encontrada primeiramente em países africanos (em 28 dos 43 países), sendo Sudão o maior país e um dos poucos onde as práticas são mais severas. Mas também ocorrem em grupos étnicos de Omã e Iêmen, assim como em partes do Iraque, Arábia Saudita, Índia, Indonésia e Malásia.¹⁴ O número de meninas que foram submetidas à prática hoje (2005) vai de oitenta e cinco milhões a cento e quinze milhões em todo o mundo. O Programa de Tecnologia Apropriada para a Saúde (PATH) estima que dois milhões de meninas sejam submetidas à FGC anualmente.¹⁵ Entre os instrumentos utilizados para as cirurgias estão lâminas de barbear, tesouras, facas de cozinha e pedaços de vidro. Técnicas anti-sépticas e anestesia geralmente não são utilizadas, ou conhecidas.¹⁶

Narib Toubia, pesquisadora sudanesa, escritora, ativista e uma das mulheres que trata o assunto de FGC de forma mais direta, explica que a maneira como as culturas que praticam a FGC enxergam a tradição pode ser resumida na seguinte frase: “A mensagem implícita e explícita é que se trata de algo herdado de um passado que não se pode rastrear; que não tem significado racional e que se encontra dentro do reino da sensibilidade intocável das pessoas tradicionais”.¹⁷

Desde o início das religiões institucionalizadas no mundo parece que as mulheres têm sido constantemente punidas por causa de alguma transgressão antiga. Eva, na nossa tradição, é um bom

13 KLEIN, op.cit.,p.34.

14 (TOUBIA apud NEWELL et al., 2000, p.13-14)

15 NEWELL, Katherine S. et al. Discrimination Against the Girl Child. Washington: Master Print, Inc.,2000, p.12.

16 Idem, p.36.

17 (TOUBIA,1981 apud GRUENBAUM,2001, p.45.)



exemplo. Ela é responsável pelo fim do Paraíso na terra e o início das dificuldades e da mortalidade. Devido à sua falta de autocontrole ela foi incapaz de resistir à tentação. Como resultado, os pais da religião utilizaram este símbolo para generalizar o comportamento feminino como incontrolável e guiado por desejo e luxúria.

De acordo com a pesquisadora Efrat Tseëlon, a sexualidade feminina tem que ser controlada para oferecer às mulheres um caminho à salvação. “Como um símbolo de sedução e pecado, a mulher foi redimida em castidade e perdoada em modéstia”.¹⁸ Assim, as mulheres têm sido contidas tanto pelos ensinamentos das diferentes religiões, como pelo controle de seus maridos. Há uma controvérsia na forma como as mulheres são vistas pelos homens: embora as mulheres representem uma ameaça sedutora para os homens, elas são as mais vulneráveis a ataques sexuais ou violentos. De acordo com Tseëlon, “dentro de um quadro metafísico psicanalítico, a mulher funciona como um sintoma: ela representa uma ameaça enquanto é construída como uma defesa contra esta ameaça”.¹⁹ Ou, se transpusermos esta analogia para a nossa tradição literária ocidental, podemos nos referir às convenções do Amor Cortês, mantidas desde o século doze. Neste caso, por um lado, temos aquelas mulheres maravilhosas, retratadas por poetas masculinos como criaturas perfeitas, inalcançáveis e divinas. Por outro lado, entretanto, na vida real, temos uma multidão de mulheres pobres, despercebidas e insignificantes que podem ser dadas, vendidas ou mesmo mortas pelos seus, por vezes cruéis, maridos, pais ou senhores, sem que ao menos ganhassem proteção legal em troca.

As sociedades árabes relegam as mulheres à esfera particular como um modo de proteger a sociedade e os outros homens da sua influência prejudicial, uma vez que todo o sistema baseia-se na hipótese de que mulheres são seres perigosos e poderosos, sendo uma ameaça aos homens e à sociedade: “seguidoras e instrumentos de Satã, sendo o corpo da mulher sua morada. Um conhecido ditado árabe sustenta que, ‘Sempre que um homem e uma mulher se encontram, o seu terceiro é sempre Satã’”.²⁰ Até mesmo Maomé o Profeta via as mulheres como criaturas perigosas, “Depois que eu me for, não haverá maior perigo ameaçando a minha nação e mais suscetível a criar anarquia e problema que as mulheres”.²¹ Nawal El Saadawi escreve que “a mulher era mais forte em mente e inteligência que Satã e era capaz de derrotar os demônios e deuses com sua sabedoria e conhecimento. Eva triunfou sobre o Criador quando ela conseguiu que Adão a obedecesse, e não obedecesse ao seu Deus”.²² Este poder que Eva

18 TSEËLON, Efrat. *The Masque of Femininity*. London: Sage Publications, 1997, p.12.

19 Idem, p.24.

20 SAADAWI, Nawal El. *The Hidden Face of Eve: women in the Arab World*. Traduzido e editado por Dr. Sherif Hetata. London: Zed Books Ltd., 1993, p.136.

21 SAADAWI, op.cit, p.136.

22 Idem, p.106.



tinha sobre Adão assustou os primeiros pais da religião e, conseqüentemente, eles começaram a usar seus ensinamentos e textos como forma de subjugar as mulheres e controlar sua influência sobre os homens.

A segregação sexual imposta às mulheres árabes, assim como o uso do véu, é um dispositivo que protege os homens da sua própria sexualidade sem controle, e não da sexualidade da mulher. Saadawi comenta sobre a mulher árabe e o uso do véu: “Se por alguma razão ela tivesse que sair dos muros da sua prisão, todas as precauções necessárias tinham que ser tomadas [...] ela era então envolta em véus e túnicas tal qual material explosivo que tem que ser bem empacotado”.²³ A doutrina cristã do pecado original “fez a associação entre a mulher arquetípica (Eva) e a prostituta de uma forma especialmente direta”.²⁴ Embora se acredite que os homens tenham uma paixão sexual avassaladora, eles não pecam, “a não ser que incitados a pecar pela sedução e diabrura das mulheres”.²⁵ Gruenbaum acredita que os costumes árabes tais como “uso do véu, acompanhamento constante da mulher, isolamento/segregação [...] podem ser compreendidos como formas de manter a honra da família”.²⁶

Quanto ao assunto de FGC, o Profeta Maomé tentou opor-se ao costume, pois ele acreditava ser prejudicial para a saúde sexual da mulher. Uma vez, o Profeta aconselhou uma mulher que realizava circuncisões, “Se você circuncidar retire apenas uma parte pequena e evite cortar fora grande parte do clitóris. A mulher terá um rosto iluminado e feliz, e será mais receptiva ao seu marido se o seu prazer for completo”.²⁷ Entretanto, o seu conselho não parece ter sido levado muito a sério pelas culturas que adotam a FGC, já que acreditam que *sunna*, a forma mais amena de circuncisão proposta pelo Profeta, não é suficiente para preservar a virgindade e honra de uma menina.

FGC não é mencionada em nenhum lugar do Corão como um procedimento obrigatório para as mulheres, mas como a maioria da população do maior país islâmico da África, o Sudão, é iletrada e ignorante a respeito dos preceitos de sua própria religião, a maioria dos sudaneses acredita que a forma mais severa, a infibulação faraônica, é uma das demandas do Corão para as mulheres. Todavia, é importante salientar que para oitenta por cento do mundo islâmico de hoje a prática de

23 Idem, p.137.

24 TSEËLON, op. cit., p.95.

25 SAADAWI, op.cit., p.138.

26 GRUENBAUM, op.cit., p.78.

27 Idem, p.39.



FGC é desconhecida. É encontrada em menor escala entre outros grupos religiosos tais como animistas, cristãos coptas africanos, e um pequeno septo de judeus etíopes, os falashas.²⁸

Missionários católicos romanos que foram ao Egito para espalhar a doutrina cristã no início do século dezessete se depararam com a tradição da FGC e não aprovaram. Conseqüentemente, os padres católicos romanos proibiram a prática de FGC. Todavia, quando as meninas dos convertidos católicos romanos cresceram, os meninos convertidos se recusaram a casar com elas, escolhendo então esposas não-católicas. Assim, o Colégio dos Cardeais em Roma foi forçado a anular sua decisão e permitir as cirurgias genitais tradicionais entre os egípcios católicos. Exatamente o mesmo ocorreu na Etiópia no século dezesseis. No Quênia, a FGC tomou significância religiosa entre as meninas cristãs, pois elas acreditavam que se não se submetessem à cirurgia, “seriam condenadas ao eterno fogo do inferno”.²⁹

FGC é facilmente vista e explicada pelos ocidentais como uma tradição imposta por culturas patriarcais às mulheres. Entretanto, patriarcado por si só não é razão suficiente para explicar tal costume, pois instituições patriarcais existem em todo lugar e a grande maioria das culturas que não praticam FGC são também culturas patriarcais. De acordo com a antropóloga Ellen Gruenbaum “a subordinação social e econômica das mulheres e crianças parece ser uma condição necessária para a perpetuação das práticas de circuncisão feminina”.³⁰ Dra. Saida, uma entre tantas ginecologistas no Sudão, esclarece:

No Sudão apenas de 2 a 3% das mulheres realmente recebem educação. Até que tenhamos 50%, nada mudará. Enquanto as mulheres estiverem atrás dos homens em educação elas sempre dependerão deles. É um amplo problema econômico que nós temos que lidar como mulheres. Se pudermos mudar isso, se as mulheres puderem ter voz em suas vidas, elas poderão decidir por si mesmas.³¹

De acordo com a Dra. Saida e muitos pesquisadores e pessoas que trabalham contra a prática da FGC, a dificuldade das mulheres em ter acesso à educação está por trás de todos os tipos de opressão, tal como a dependência econômica imposta pela falta de educação e, conseqüentemente, a falta de oportunidades de trabalho. Esses fatores deixam as mulheres vulneráveis à submissão imposta por uma sociedade patriarcal. Saadawi explica os motivos que levaram os homens árabes a privar suas mulheres de atingirem independência econômica:

Um dos motivos mais importantes para a oposição ao trabalho da mulher, demonstrado por muitos maridos, é o medo que ganhos independentes levem a mulher a ser mais consciente de sua personalidade e sua dignidade e, portanto, ela se recusará a aceitar as humilhações a que era sujeita anteriormente, se recusará a apanhar, ou a ser insultada ou maltratada, ou ainda recusará que seu marido fique com outras mulheres ou case com outras

28 KLEIN, op.cit., p.41-42.

29 Idem, p.42.

30 Idem, p.40.

31 Idem, p.132.



mulheres ou ainda tenha uma amante, e, além disso, rejeitará uma vida vazia e indolente dentro de casa, que extrai da mulher o respeito próprio e força para defender-se como um ser humano.³²

Saadawi retrata de forma clara o medo escondido que a maioria dos homens árabes tem de perder o controle sobre suas mulheres subjugadas. Eu entendo que este sentimento seja o principal fator por trás da opressão feminina da sociedade patriarcal. É interessante procurar evidências de sociedades matriarcais para refutar a noção de que o patriarcado é encontrado universalmente entre os humanos. Os antropólogos descobriram que os exemplos de patriarcado encontrados eram ou lendários, como as amazonas, ou representavam variações inconsistentes do poder feminino. Além disso, alguns antropólogos confundiram o culto das mulheres como deusas com sociedades matriarcais. Até mesmo em sociedades onde as mulheres possuíam papéis importantes em sistemas de parentesco, os homens eram aqueles com poder e exerciam papéis de liderança política. Assim, descobriu-se que sistemas de parentesco matrilineares não evitam a subordinação das mulheres ou FGC.³³

De acordo com Giorgis, a origem da prática de FGC tem indícios no sistema familiar patriarcal polígamo, que impôs que as mulheres poderiam ter apenas um marido enquanto um homem poderia ter várias esposas.³⁴ Desta forma, a restrição da sexualidade das mulheres foi um meio necessário para a preservação da linhagem de um homem. Outro aspecto é que a mulher circuncidada tem menos desejo sexual que uma mulher intacta e, por isso, o homem que tem muitas mulheres não precisa se preocupar em satisfazer seus desejos sexuais. Lightfoot-Klein acrescenta mais informações à noção acima:

Teorizou-se que a prática da excisão resultava do desejo primitivo dos homens de ter controle sobre o mistério do funcionamento sexual feminino. A excisão do clitóris possibilita refrear a liberdade sexual das mulheres e as mulheres foram convertidas de propriedade comum para propriedade particular, propriedade de seus maridos apenas. Acreditava-se que a excisão reduzia o desejo sexual de uma mulher, já que retirava o órgão mais facilmente estimulado.³⁵

A idéia da mulher como propriedade particular é essencial aos interesses econômicos de uma sociedade patriarcal, já que o pai tem que saber com certeza quem são seus verdadeiros filhos para passar a eles suas terras. Assim sendo, a infidelidade da mulher traria desordem em relação à sucessão e herança, causando um colapso na estrutura patriarcal, que é construída apenas em função do nome do pai.³⁶ A escritora feminista Nancy Chodorow demonstra um aspecto biológico do patriarcado; ela argumenta que as responsabilidades que as mulheres têm no cuidado das crianças e

32 SAADAWI, op.cit., p.191.

33 GRUENBAUM, op.cit., p.42.

34 (GIORGIS, 1981 apud LIGHTFOOT-KLEIN, 1989, p.28.)

35 KLEIN, op.cit., p.28.

36 Idem. p.28.



o tempo demandado para tal gera a dominância masculina. Além disso, ela vê a dominância masculina através de uma abordagem psicológica: “Os psicólogos demonstraram inequivocadamente que o fato em si de serem cuidados pelas mães gera nos homens conflitos de masculinidade, uma psicologia de dominância masculina e uma necessidade de ser superior à mulher”.³⁷

As culturas patriarcais que praticam a forma mais severa de FGC, chamada infibulação, acreditam que esta seja uma garantia da virgindade de uma mulher jovem na hora de casar. A virgindade mantém a honra da família e é a chave para um casamento de sucesso e, conseqüentemente, de segurança econômica para a menina. Quanto mais apertada for a costura na menina, mais o futuro marido terá certeza de sua pureza e castidade e mais prazer ela poderá dar a ele sexualmente, já que se acredita que a abertura de uma vagina infibulada ofereça maior fricção ao marido e seja considerada uma melhoria para a resposta sexual masculina. Assim, o marido não desejaria ter outra esposa. Após o casamento, a diminuição da resposta sexual da mulher, causada pela infibulação, é valorizada, pois será menos provável que ela aja de forma a ofender a honra de seu marido ou da família.

Há uma crença que FGC seja um costume imposto às mulheres pelos homens; entretanto, há uma contradição a respeito da cirurgia genital feminina, pois as mulheres são as maiores defensoras da preservação destas práticas e são elas que realizam as cirurgias nas mais jovens. Os homens por sua vez não emitem opinião sobre os procedimentos, pois os consideram “assuntos de mulher”. É difícil para os ocidentais entenderem como uma mulher que sofreu infibulação quando criança – e sofre de dores constantes em toda sua vida devido às infecções recorrentes no trato urinário, à menstruação longa e dolorosa, aos partos difíceis e até mesmo devido à dificuldade de urinar – permitiria que sua filha passasse pelo mesmo sofrimento. Se os homens consideram este um assunto de mulher, por que as mulheres não decidem parar de impor isso às suas filhas, dando um fim à dor? A principal razão por trás de tudo isso é a internalização das regras patriarcais nas quais as mulheres não são encorajadas a desenvolverem seus pensamentos críticos, sendo cegamente comprometidas à tradição e sofrendo graves restrições econômicas, sociais e políticas. Finalmente, a falta de educação é o que encontramos na raiz destas sociedades onde as cirurgias de *female genital cutting* são praticadas.

Lightfoot-Klein reuniu ricas informações sobre a sociedade sudanesa, recolhidas através de anos viajando e vivendo no Sudão, como a maneira que a sociedade trata as mulheres sudanesas:

37 (CHODOROW apud NICHOLSON, 1986, p.85)



Tudo nesta sociedade gira em torno de satisfazer o homem. Isto está muito relacionado ao fato de que a mulher é totalmente dependente do homem para viver. Ela depende de seu pai quando criança, do irmão, quando o pai já não consegue mais ganhar a vida, e, mais tarde, do seu marido. Uma mulher que não casa neste país não tem recurso. Ela não pode se sustentar. Ela pode ter dez filhas que ainda assim não será considerada como tendo formado uma família. Ela deve ter um filho antes.³⁸

É fato que a subordinação econômica que as mulheres africanas enfrentam é a principal consequência de uma sociedade patriarcal opressora. Este poder restringe as mulheres contemporâneas sudanesas a terem o controle de suas vidas mesmo quando trabalham, pois não podem manter seus salários para si. Além disso, elas não encontram segurança nem em suas casas, por não poderem ser donas de nada, nem mesmo de suas crianças. Concluindo, o poder patriarcal é evidente nas sociedades onde FGC é realizada. E esta opressão está estreitamente relacionada com a ausência de independência econômica, de oportunidades de estudo e trabalho e de escolhas para a mulher africana. Mas acima de tudo, a dificuldade das mulheres africanas em terem acesso à educação é considerada como estando no âmago da *Female Genital Cutting*.

Obras consultadas

BRUM, Gabriela Eltz. Female Genital Cutting (FGC) In: _____ **“Sexual Blinding of women”:** **Alice Walker’s African Character Tashi and the Issue of Female Genital Cutting.** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GRUENBAUM, Ellen. *The Female Circumcision controversy: an anthropological perspective.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

LIGHTFOOT-KLEIN, Hanny. *Prisoners of Ritual: an odyssey into female genital circumcision in Africa.* New York / London: Harrington Park Press, 1989.

NEWELL, Katherine S. et al. *Discrimination Against the Girl Child.* Washington: Master Print, Inc., 2000.

NICHOLSON, Linda J. *Gender and History: The Limits of Social Theory in the Age of the Family.* New York: Columbia University Press, 1986.

SAADAWI, Nawal El. *The Hidden Face of Eve: women in the Arab World.* Traduzido e editado por Dr. Sherif Hetata. London: Zed Books Ltd., 1993.

TSEËLON, Efrat. *The Masque of Femininity.* London: Sage Publications, 1997.

38 (CHODOROW apud NICHOLSON, 1986, 131-132)



PARMAR, Pratibha. *Warrior Marks: Female Genital Mutilation and the Sexual Blinding of Women*. New York: A Harvest Book, Harcourt Brace & Company, 1996.